



ATIVIDADE OCUPACIONAL DOS PROFESSORES EM FOCO: A UTILIZAÇÃO DE UM MÉTODO DE COANÁLISE E PESQUISA

OCCUPATIONAL ACTIVITY OF TEACHERS IN FOCUS: THE USE OF A COANALYSIS AND RESEARCH METHOD

Deivis Perez

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Carla Messias

Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso

Resumo

Este artigo discute a utilização do dispositivo autoconfrontação em investigações sobre a atividade ocupacional docente realizadas por pesquisadores da Linguística Aplicada, em particular, pelos estudiosos do grupo de pesquisa Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações (ALTER) que desenvolveram suas ações entre 2003 e 2013, sob a liderança de Anna Rachel Machado, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. O artigo apresenta a autoconfrontação, suas origens, referências teóricas, fases e movimentos da sua aplicação. Em seguida, buscou-se examinar o uso da autoconfrontação em teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas no contexto do ALTER. Ao final, são apresentadas as limitações na utilização do dispositivo, verificadas nas pesquisas do grupo e, também, o seu legado para a Linguística Aplicada, a Educação e para as Ciências do Trabalho.

Palavras-Chave: Metodologia de Pesquisa. Linguística Aplicada. Trabalho do Professor.

Abstract

This article is about the use of the procedure called self-confrontation by researchers of Applied Linguistics, especially those of the research group Language Analysis, Educational Work and their Relationships (ALTER), which developed its activities from 2003 to 2013, under the leadership of Anna Rachel Machado, of the Pontifical Catholic University of São Paulo / PUC-SP. The article shows the self-confrontation, its origins, theoretical references, phases and movements to be followed in the use of this procedure. Afterwards, the use of the self-confrontation was examined and discussed through doctoral and masters' theses produced in ALTER context. At the end, the limitations of the procedure application, identified in the group researches, and their legacy left to Applied Linguistic, Education and the Work Sciences are presented.

Keywords: Research Methodology, Applied Linguistic, Teacher Work.



Introdução

Este artigo discute as aplicações do dispositivo autoconfrontação em pesquisas sobre o trabalho do professor, as quais resultaram na produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado no Brasil por pesquisadores do campo da Linguística Aplicada. Optou-se por debater a temática por intermédio do exame do caso de utilização da autoconfrontação pelo grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações (ALTER) que desenvolveu suas atividades entre 2003 e 2013, sob a liderança de Anna Rachel Machado, e era vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP). O dispositivo ao qual referimos é usado em intervenções em processos laborais e na recolha de dados científicos, que foi apropriado e tem sido aperfeiçoado no quadro teórico-metodológico da Clínica da Atividade (VIEIRA; FAÏTA, 2003; CLOT, 2006; 2010; CLOT, FERNÁNDEZ, 2007).

O interesse pelas aplicações da autoconfrontação em estudos da Linguística Aplicada particularmente ao trabalho do professor se deve à centralidade desta categoria profissional no contexto laboral contemporâneo. A compreensão do mundo social e da cultura em que estamos inseridos demanda, conforme Tardif e Lessard (2005), o entendimento dos processos organizados de ensino e do trabalho docente, dada a sua proeminência sobre outras esferas ocupacionais, em face de a quase totalidade dos profissionais da nossa sociedade terem sido submetidos, antes de assumirem as suas ocupações, a processos educativos conduzidos por professores.

O foco na investigação dos modos de utilização da autoconfrontação é devido ao fato de este dispositivo ter sido elaborado para caracterizar-se como um instrumento de coanálise, ressignificação e possível transformação do trabalho e, simultaneamente, para ser uma ferramenta acadêmica de recolha de dados sobre uma atividade ocupacional. Neste sentido, a autoconfrontação extrapola a mera coleta de informações de campo,



observada comumente nos instrumentos de pesquisa. Tal dispositivo se singulariza por ser uma estratégia de intervenção em processos laborais e metodológica-científica desenvolvida para fazer emergir os múltiplos discursos e perspectivas em torno de um ofício, integrando o pesquisador e um trabalhador ou coletivo de trabalhadores.

A escolha do ALTER se justifica em razão de os membros do grupo terem protagonizado a aplicação da autoconfrontação para o exame do trabalho do professor no Brasil na primeira década do século XXI. O ALTER foi identificado como o único grupo, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que se dedicou à produção continuada de investigações em que foi utilizada a autoconfrontação, segundo as informações sistematizadas nos estados do conhecimento (PEREZ; MESSIAS; 2013a; 2013b) acerca dos usos da autoconfrontação em estudos sobre o trabalho docente concluídos até 2011 nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada e do campo da Educação brasileiros. Em função do exposto, pareceu evidente que o exame de caso do ALTER na aplicação da autoconfrontação, poderia extrapolar o mero registro histórico das ações do grupo, e contribuir para a compreensão dos modos como este dispositivo tem sido usado em nosso país e, portanto, apoiar a análise crítica do alcance e limitações dos usos da autoconfrontação como instrumento científico e de coanálise do trabalho docente.

Cumprir notar que na Clínica da Atividade o estudo do trabalho com o emprego da autoconfrontação tem dois pressupostos: o primeiro diz respeito à demanda por exame do trabalho que deve emergir de um grupo de profissionais que percebeu que o seu exercício ocupacional se encontra degradado (CLOT, 2010). Esse pressuposto baseia-se na compreensão de que os trabalhadores devem requerer a aplicação de mecanismos capazes de apoiar a coanálise e a potencialização das mudanças no agir profissional individual e grupal. A segunda presunção é relativa à concepção da relação entre a pessoa e o coletivo. De acordo com Clot (2010), as situações conflituosas



vividas no âmbito individual são estabelecidas pela agitação e discussão presentes nas relações interativas humanas. Essa conflituosidade social, aponta Clot (2010), contribui para que o sujeito mobilize, moureje e coloque em movimento o seu psiquismo. Em função disso, é necessário que a autoconfrontação seja aplicada em todas as suas fases para que ocorram aproximações sucessivas na direção da produção de saberes pelos trabalhadores acerca do seu próprio ofício e, finalmente, a sua transformação por ação da coletividade profissional. Os dados a serem recolhidos para uma pesquisa devem emergir do diálogo entre os trabalhadores e destes com o pesquisador na coanálise que se desenrola no conjunto de fases da autoconfrontação.

Considerando estas pressuposições da Clínica da Atividade foram delimitadas três questões norteadoras do exame das dissertações e teses com uso da autoconfrontação produzidas no ALTER, a saber: a) quais são as semelhanças e diferenças na aplicação da autoconfrontação em estudos produzidos no grupo em tela comparativamente às orientações feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade? b) Os estudiosos do ALTER desencadearam o seu trabalho partindo da demanda de profissionais da educação pela coanálise e transformação das suas atividades ocupacionais ou os pesquisadores é que solicitaram a contribuição de trabalhadores nos processos de recolha de dados para as suas pesquisas? c) Por fim, caso não tenha havido demanda de trabalhadores, esse fato produziu alterações significativas no conjunto das fases de aplicação autoconfrontação, na coanálise do trabalho e na recolha de dados das pesquisas?

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais, em que abordamos: a) a perspectiva metodológica, as os procedimentos de identificação e exame das dissertações e teses do ALTER; b) o contexto teórico de produção da autoconfrontação e as suas fases e movimentos de aplicação; c) a análise das dissertações e teses do grupo em que foi aplicada a



autoconfrontação; d) as características dos usos do dispositivo pelo ALTER e suas contribuições para o estudo do trabalho docente.

Metodologia da pesquisa

No tocante à metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa dos dados documentais recolhidos e realização de um estudo de caso instrumental, conforme Stake (1995 apud ANDRÉ, 2005), em que o pesquisador interessa-se por uma temática ampla que a investigação de um caso ajudará a compreender. Para garantir a identificação das pesquisas do ALTER em que se aplicou a autoconfrontação, foi adotada a estratégia abaixo, sob inspiração das indicações sobre a elaboração de estados do conhecimento de Romanowski e Ens (2006).

a) Circunscrição de um período temporal que guiou a composição da base de dados da pesquisa. Neste estudo, consideramos como marco inicial o ano de 2003, em que o ALTER foi criado, e 2013 como ano final. O grupo encerrou as suas atividades vinculadas à PUC-SP em 2012, devido ao falecimento da sua líder, Machado. A despeito disso, julgamos que havia a possibilidade de algumas pesquisas estarem em andamento, em especial aquelas que resultariam em teses de doutorado, as quais poderiam ser consideradas como investigações elaboradas no quadro teórico e metodológico do ALTER.

b) Definição dos descritores que orientaram as buscas, que foram: autoconfrontação; Clínica da Atividade; método indireto; Psicologia Histórico Cultural e variações, como Psicologia Sócio-Histórica; reflexão sobre o trabalho; análise do trabalho; resignificação do trabalho; transformação do trabalho; ato e gesto ocupacional e ação refletida.

c) Delimitação dos bancos de pesquisas e acervos digitais dedicados à catalogação e facilitação do acesso aos resumos e textos completos de teses e



dissertações. Definimos que a busca inicial seria feita por meio de consulta ao Banco de Teses da CAPES e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O objetivo era obter os resumos dos estudos produzidos pelo grupo entre 2003 e 2013 em que foi utilizada a autoconfrontação. Visando garantir que todas as pesquisas do grupo fossem localizadas e, tendo em vista que o ALTER era certificado pelo CNPq, pareceu relevante consultar o diretório de grupos desta agência oficial e verificar quais professores-pesquisadores foram membros do grupo no período que delimitamos e, entre estes, quais eram credenciados como orientadores em Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Este procedimento favoreceu a averiguação, em bancos digitais mantidos por universidades brasileiras, da existência de teses e dissertações que foram orientadas por professores membros do ALTER.

d) Recolha dos resumos e textos completos das dissertações e teses do ALTER, obedecendo os seguintes critérios para a seleção do material: a pesquisa fez uso da autoconfrontação e teve como objeto o trabalho docente; o autor mencionou no resumo ou no texto completo a sua vinculação ou do seu orientador ao grupo; a aplicação da autoconfrontação foi feita considerando as referências da Clínica da Atividade.

Esta fase final da coleta de dados se articulou ao primeiro movimento analítico dos resumos e textos completos das pesquisas, nomeado pré-análise, em que o propósito foi checar a pertinência do material recolhido em face dos critérios de seleção e em relação aos objetivos desta investigação. O segundo procedimento de análise consistiu em: classificar as dissertações e teses por ano de defesa, Universidade e Programa de Pós-Graduação em que foi produzida cada pesquisa; identificar o orientador(a); elaborar formas gráficas de apresentação dos dados. O terceiro mecanismo analítico foi o exame qualitativo das dissertações e teses, que foi empreendido tomando-se como base a definição e a caracterização das fases de aplicação da autoconfrontação feitas pelos



pesquisadores da Clínica da Atividade, as quais serão apresentadas na próxima seção.

Autoconfrontação: contexto teórico de produção e a sua aplicação

A autoconfrontação, conforme a perspectiva de Faïta (1997), foi utilizada inicialmente para favorecer a coanálise e o estudo do trabalho de condutores de trens. O aprimoramento recente desse dispositivo tem sido realizado no quadro teórico da Clínica da Atividade, que se insere nas Ciências do Trabalho, notadamente no domínio da Psicologia Social do Trabalho e possui como raiz epistemológica principal a Psicologia Histórico-cultural de Vigotski¹.

É sob a inspiração vigotskiana que a Clínica da Atividade compreende que os estudiosos do trabalho devem construir e acurar estratégias interventivas e metodológicas que permitam às pessoas experimentarem a possibilidade de transformação da própria realidade, a ampliação da sua vitalidade de agir, bem como a promoção de metamorfoses psicossociais. Os recursos científicos e de mediação do desenvolvimento humano foram analisados por Vigotski (1927/1996), que sustenta que os métodos diretos de acesso ao real limitam a compreensão dos fenômenos psíquicos. Os analistas e pesquisadores do trabalho deveriam considerar a “[...] necessidade de sair de uma vez por todas dos limites da experiência direta é assunto de vida ou morte [...]” (VIGOTSKI, 1927/1996, p.283). Ainda conforme Vigotski, era necessário desenvolver instrumentos indiretos de acesso ao psiquismo, capazes favorecer a reconstrução e interpretação das suas dimensões não conscientes e subjetivas.

O surgimento da autoconfrontação no âmbito da Clínica da Atividade parece atender ao chamado de Vigotski, por meio da produção de instrumento cujo intento era, mediante a coanálise do trabalho por um pesquisador e por trabalhadores, favorecer a compreensão e o desenvolvimento dos múltiplos elementos constituintes do psiquismo

¹ Neste trabalho, optou-se pela grafia Vigotski, conforme as traduções das obras do pensador russo para o português, realizadas por Paulo Bezerra.



humano. A realização da coanálise e de pesquisas com o uso da autoconfrontação demanda do investigador o entendimento da perspectiva clínica que norteia a aplicação deste dispositivo, na qual o trabalho é concebido como operador da saúde psicofísica humana. Isto significa que a autoconfrontação deve ser adotada tendo como horizonte a (re)criação permanente da atividade laboral pelos trabalhadores, considerando que somente há saúde nas situações em que a atividade está potencializada e em pleno movimento (CLOT, 2013). É necessário, também, que o pesquisador domine os procedimentos de execução do dispositivo, de modo a contribuir com o surgimento do diálogo sobre um ofício e a transformação do processo laboral pelos trabalhadores.

A autoconfrontação, em conformidade com os estudos do dispositivo feitos por Perez e Messias (2013a; 2013b), que consideraram as indicações oriundas da Clínica da Atividade, se organiza em três fases integradas. Cada fase subdivide-se em movimentos distintos a serem seguidos pelo pesquisador. De acordo com Clot e Fernández (2007), a aplicação integral da autoconfrontação deve ocorrer em um ano e seis meses, sendo que cada uma das fases do dispositivo tem duração de seis meses.

FASE A

A primeira fase da autoconfrontação objetiva aproximar o pesquisador da atividade laboral e dos trabalhadores com os quais atuará.

- Movimento 1 – Documentos prescritivos e contexto sociointeracional de trabalho

Este movimento tem como foco levar o pesquisador a conhecer o contexto sociointeracional do trabalho, recorrendo ao exame dos documentos prescritivos do ofício dos participantes da coanálise e pesquisa. Ainda, é realizado o levantamento do histórico de produção desses documentos e quais os usos feitos pelos trabalhadores.

- Movimento 2 – Comunidade ampliada de pesquisa, observação e entrevista

O segundo movimento principia com a composição de um grupo de



trabalhadores, composto por uma ou duas duplas de profissionais e o pesquisador. Este grupo constitui a comunidade ampliada de pesquisa (CLOT, 2010), que deve participar de todas as etapas seguintes do exame, diálogo sobre o trabalho e coleta dos dados. Idealmente este grupo deve ser formado por profissionais indicados pelo coletivo de trabalhadores, que aceitaram integrar a coanálise e compreenderam que serão voluntários de uma investigação acadêmica. Nesta etapa, o pesquisador faz a observação do trabalho e registra os aspectos relevantes testemunhados em um diário de pesquisas. Após, uma entrevista semiestruturada deve ser feita com cada um dos trabalhadores para esclarecer dúvidas e detalhar informações obtidas na observação.

FASE B

A fase B subdivide-se em três movimentos distintos e “[...] tem como objetivo favorecer a análise do próprio trabalho por parte dos profissionais voluntários que compõem com o pesquisador a comunidade ampliada de pesquisa” (PEREZ; MESSIAS, 2013a, p. 96). É feito o registro do trabalho e sua coanálise aspirando que os trabalhadores se tornem protagonistas da própria atividade laboral e da sua metamorfose.

- Movimento 1 – registro / gravação da atividade de trabalho

Considerando as informações obtidas nas observações e entrevistas, o pesquisador registra em áudio e vídeo sequências de trabalho escolhidas pelos participantes. Trata-se da obtenção de dados sobre o trabalho real (CLOT, 2006), que é o trabalho concreto, registrado no momento da ação do trabalhador. É importante que uma mesma sequência seja registrada em dias e momentos diferentes, para a captação das variadas formas que pode assumir o gesto ocupacional.

- Movimento 2 – Seleção de trechos registrados e autoconfrontação simples

Após a gravação das sequências de trabalho, o pesquisador seleciona trechos da ação de cada trabalhador, que, em seguida, assiste os trechos registrados e dialoga com



o pesquisador. O que se pretende é, por meio da exibição do vídeo e do diálogo, provocar a coanálise do trabalho. O investigador deve elaborar um roteiro de questões, visando organizar a conversação. Geralmente, esse roteiro é composto por temas que permitirão ao trabalhador abordar os aspectos potencializadores e impeditivos do seu agir profissional. Esta etapa deve ser repetida inúmeras vezes, até que cada trabalhador sinalize que está ampliando e aprofundando a compreensão sobre a sua atividade, mediante o diálogo com o pesquisador.

- Movimento 3 – autoconfrontação cruzada

No último movimento da Fase B, o pesquisador e os trabalhadores, organizados em duplas, assistem os trechos das gravações do trabalho. Trata-se da coleta de informações sobre o trabalho interpretado (CLOT, 2010), definido como o prolongamento das ações ocupacionais para o campo das análises e reflexões feitas após a realização do trabalho real. Na presença das sequências laborais registradas, o pesquisador deve atuar como mediador do diálogo entre a dupla de trabalhadores. O conjunto de movimentos que compõe a Fase B tem como objetivo levar os trabalhadores a descreverem detalhadamente sua atividade “[...] até que se manifestem os limites dessa descrição, até que a verdade estabelecida seja flagrada na veracidade do diálogo, pela autenticidade dialógica” (CLOT, 2010, p. 240). Analogamente ao que ocorre na modalidade simples, a autoconfrontação cruzada deve ser feita inúmeras vezes, até que aflore a conflituosidade acerca das práticas laborais e se instale uma atividade dialógica entre os membros da comunidade ampliada de pesquisa capaz de contribuir para a ampliação da potência de ação dos trabalhadores.

FASE C

Esta fase, denominada restituição ao coletivo de trabalho, é o momento em que as descobertas e considerações sobre o trabalho realizadas pelo pesquisador e pelos voluntários (comunidade ampliada de pesquisa) são restituídas aos trabalhadores que



atuam na mesma função dos sujeitos do processo interventivo e de investigação. Essa submissão dos achados da coanálise ao coletivo de trabalho tem como objetivo levar os trabalhadores à abertura de zonas de desenvolvimento potenciais, isto é, encorajar a reflexão e ação sobre as possibilidades de transformação da atividade laboral pelos próprios trabalhadores (CLOT, 2010). O pesquisador executa, em parceria com os voluntários que participaram das autoconfrontações, reuniões com o coletivo de trabalho. Essas reuniões podem acontecer com “o coletivo profissional [...]; o comitê de monitoramento da intervenção; o coletivo profissional ampliado, ou seja, o conjunto dos pares [...]” (CLOT, 2010, p.241). Devem ser realizadas tantas reuniões quantas forem necessárias, até que os trabalhadores realizem o planejamento e a implementação de um projeto de aperfeiçoamento ou transformação do seu processo laboral.

Exame das dissertações e teses do ALTER com uso da autoconfrontação

Conforme mencionamos na seção sobre a recolha dos dados foram verificados, nesta investigação, o Banco de Teses da CAPES, o BDTD e as bibliotecas digitais de inúmeras universidades. Foram identificadas, entre 2003 e 2013, dez pesquisas produzidas no ALTER em que a autoconfrontação foi aplicada no exame do trabalho docente, sendo quatro dissertações e seis teses. No tocante à procedência, destacam-se a PUC-SP, quatro teses, e a Universidade Estadual de Londrina (UEL), duas dissertações e duas teses concluídas. Isto deveu-se, presumivelmente, ao fato de a PUC-SP ter sido a sede do grupo e à qual estava vinculada Machado, líder até 2012 e, no caso da UEL, em virtude das contribuições de Vera Lucia Lopes Cristóvão, professora orientadora de pesquisas na universidade, uma das pioneiras do ALTER.



Tabela 1: Instituições de ensino superior em que foram concluídas teses de doutorado e dissertações de mestrado com uso da autoconfrontação

INSTITUIÇÕES	DISSERTAÇÕES	TESES
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	0	4
Universidade Vale do Rio dos Sinos-RS (UNISINOS)	1	0
Universidade Federal do Ceará (UFC)	1	0
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	2	2
Total	4	6

O levantamento feito apontou que o ALTER concentrou a sua produção de pesquisas com uso da autoconfrontação entre 2006 e 2013. Isto evidencia que os primeiros estudos com a aplicação do dispositivo foram iniciados, aproximadamente, no ano de 2003, quando o grupo foi criado, e concluídos a partir de 2006.

Tabela 2: Ano de conclusão das teses e dissertações do ALTER

Ano	Dissertações	Teses	Total
2013	0	1	1
2012	0	1	1
2011	1	0	1
2010	0	2	2
2009	1	0	1
2008	1	1	2
2007	0	0	0
2006	1	1	2
Total	4	6	10

A primeira investigação concluída pelo ALTER com uso da autoconfrontação foi a dissertação de Borghi (2006), defendida na UEL, sob orientação de Cristóvão. O objetivo foi investigar as configurações do trabalho do professor de inglês iniciante no ensino básico. Em seguida, foi concluída na PUC-SP, sob a orientação de Machado, a



tese de Lousada (2006), que pretendeu caracterizar o trabalho do professor de francês, por meio do exame dos atos ocupacionais de um voluntário da investigação. Essas pesquisas inauguraram, conforme concebido por Machado (2004), os contributos teóricos da Clínica da Atividade e do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), em especial no tocante ao delineamento de uma proposta de análise de textos produzidos por trabalhadores no processo de aplicação da autoconfrontação. É preciso esclarecer que o ISD é uma teoria desenvolvida na Universidade de Genebra, sob liderança de Jean Paul Bronckart, que sustenta que “[...] o desenvolvimento dos indivíduos ocorre em atividades sociais, em meio constituído e organizado por diferentes pré-construídos e através de processos de mediação, sobretudo os languageiros” (MACHADO, 2009, p.47).

A Clínica da Atividade e o ISD têm em comum as raízes epistemológicas, centradas no materialismo dialético de Marx e na Psicologia Histórico-cultural de Vigotski, além de apontarem o trabalho como parte fundamental do desenvolvimento humano. Entretanto, na primeira perspectiva a ênfase está na produção de referências teóricas voltadas para a coanálise psicológica do trabalho em um horizonte clínico, enquanto no ISD o foco está na construção de um modelo interpretativo dos diferentes textos (orais e escritos), constituídos em uma rede discursiva relacionada a um ofício, que pode conduzir o pesquisador, de acordo com Machado (2004), a uma compreensão profunda das relações linguagem/trabalho.

Considerando os apontamentos dos pesquisadores da Clínica da Atividade é possível indicar que Lousada (2006) encerrou a aplicação do dispositivo na sua fase intermediária, a autoconfrontação simples. Essa investigação não resultou na (re)apropriação da atividade laboral pelo docente sujeito de pesquisa e seus pares. Dito de outra forma, não foi prevista a restituição dos achados do estudo ao coletivo de trabalho, de modo a estimular a apropriação dos saberes pela coletividade profissional e,



posteriormente, o início de uma possível transformação da atividade laboral pelos próprios trabalhadores. Já Borghi (2006) avançou até a fase cruzada da autoconfrontação e estimulou um movimento de exame do trabalho por um grupo de professores, mas que ficou restrito ao coletivo de voluntários da sua pesquisa, não tendo se expandido, como sugere a Clínica da Atividade, aos trabalhadores que exerciam a mesma função na instituição educacional em que se desenrolou a intervenção da estudiosa. Portanto, este movimento coletivo não chegou a se caracterizar como um processo de apropriação dos saberes produzidos durante a autoconfrontação e transformação da atividade laboral pelos profissionais da escola.

Outra pesquisa em que houve a aplicação da autoconfrontação foi elaborada por Buzzo (2008), orientada por Machado, na PUC-SP. Nesse estudo, foi examinado um texto oral produzido por duas professoras de língua portuguesa, em situação de autoconfrontação cruzada, com o objetivo de averiguar as representações sobre a docência construídas pelas participantes, bem como identificar as figuras interpretativas do agir do educador. A pesquisa de Buzzo, primeira que fez uso da autoconfrontação como recurso organizador da formação continuada de profissionais, concluiu a fase intermediária de aplicação do dispositivo. A estudiosa indicou, de modo dissonante com a Clínica da Atividade, que não pretendia usar o dispositivo como meio para promover a coanálise do trabalho e a transformação da atividade laboral, mas enfatizou a possibilidade de utilização da autoconfrontação como uma estratégia estruturante da formação de docente. O estudo de Buzzo (2008) conferiu ao pesquisador, na aplicação do dispositivo, o papel de um formador de docentes e não de um analista do trabalho, como preconizaram Clot e Fernández (2007).

É importante destacar que Buzzo procurou reforçar os nexos e a complementaridade entre a Clínica da Atividade e o ISD, em conformidade com as construções teóricas de Machado (2004; 2008). Ainda, a pesquisadora explicitou, por



assim dizer, o caráter funcional que assumiu cada uma destas perspectivas teóricas na orientação da condução da recolha e na análise dos dados de campo pelos membros do ALTER. Na tese de Buzzo (2008), a Clínica da Atividade foi percebida como abordagem teórica que oferecia aportes para compreender o trabalho como fenômeno real/concreto e psicológico, que dispunha da autoconfrontação, identificada como dispositivo metodológico capaz de fazer emergir textos orais e escritos produzidos por trabalhadores, os quais se configuraram como os dados da pesquisa. Já o ISD foi considerado como abordagem teórica adequada para subsidiar o exercício interpretativo dos textos *no* e *sobre* o trabalho recolhidos no uso da autoconfrontação.

Ainda no ano de 2008, o ALTER registrou nova conclusão de pesquisa com uso da autoconfrontação, que foi a dissertação de Drey (2008), orientada por Ana Maria Guimarães, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS. Nessa dissertação, a autora verificou as representações sobre o agir docente de duas professoras de língua portuguesa do ensino médio, vinculadas a uma escola pública do Rio Grande do Sul. No que diz respeito ao uso do dispositivo, pode-se indicar que a pesquisa apresentou as características típicas da apropriação do dispositivo pelos estudiosos do ALTER, em que: a) não houve demanda, por parte de trabalhadores, para a intervenção no processo laboral e aplicação do dispositivo; b) os objetivos não contemplavam a coanálise do trabalho e mediações no sentido da apropriação dos saberes da pesquisa pelos profissionais voluntários, com vista ao início de um processo de aperfeiçoamento ou modificação do trabalho; c) o encadeamento formal das fases de aplicação foi respeitada, ainda que a duração de cada fase da autoconfrontação tenha sido bastante reduzida, comparativamente às indicações da Clínica da Atividade.

As investigações concluídas entre 2009 e 2013 se voltaram para o exame do trabalho docente em situações em que a autoconfrontação foi aplicada como parte das ações formativas de professores, seguindo as apropriações dos fundamentos da Clínica



da Atividade e ISD anteriormente fixadas pelo ALTER. Neste sentido, confirmou-se o gradual avanço, por parte dos pesquisadores do grupo, de uma compreensão do dispositivo como instrumento metodológico-científico e, também, organizador de estratégias formativas de docentes, em detrimento do caráter clínico da autoconfrontação preconizado por Clot e seus colaboradores. Foram registradas a dissertação de Fernandez (2009) e as teses de Fogaça (2010) e Stutz (2012), orientadas por Cristóvão, e concluídas na UEL, e a dissertação produzida na UFC por Farias (2011), sob orientação de Rozania Alves de Moraes. Os estudos de Santos e Fogaça examinaram, respectivamente, a vivência em estágio do professor ainda em formação e a reunião pedagógica como possível espaço de capacitação docente. Nestas pesquisas foi aplicada a autoconfrontação cruzada.

A pesquisa de Fernandez (2009) foi a única deste período do ALTER em que não foi desenvolvida formação docente. A investigadora se dedicou ao exame do uso do livro didático por professores de língua inglesa e aplicou a autoconfrontação até a fase da restituição ao coletivo de trabalho. Entretanto, a análise do texto completo da dissertação indicou que, na verdade, houve uma única reunião entre a pesquisadora e as voluntárias da sua pesquisa, que participaram das etapas simples e cruzada do dispositivo. Objetivamente, ocorreu uma sessão de debates sobre temáticas significativas para o trabalho do professor de idiomas. O processo de restituição ao coletivo não foi ampliado no sentido da apropriação dos achados da pesquisa pelo coletivo laboral e a construção de estratégias de transformação ou aperfeiçoamento do trabalho, conforme os pressupostos da Clínica da Atividade.

Apesar disso, pareceu haver uma crescente preocupação, por parte dos pesquisadores do ALTER, com o avanço à restituição ao coletivo de trabalhadores, que foi manifestada com clareza por Stutz (2012), que usou a autoconfrontação como uma ferramenta estruturante e organizadora de ações formativas de docentes de língua



inglesa. Nesta pesquisa a aplicação da autoconfrontação seguiu a trajetória iniciada por Fernandez (2009), em que houve esforço para realizar a fase dedicada ao coletivo laboral, ainda que restrita a um número reduzido de sessões ou reuniões com a comunidade de trabalhadores e com foco bastante centrado nos objetivos da pesquisa.

Um estudo que se diferenciou no contexto do ALTER foi a tese de Rodrigues (2010), orientada por Machado. Isto porque o objetivo da sua pesquisa não era compreender o ofício de um grupo de profissionais, mas identificar as semelhanças e diferenças entre os procedimentos metodológicos de autoconfrontação e de instrução ao sócia. É importante esclarecer que a instrução ao sócia foi criada nos anos 1970 por Odonne (1981) e, analogamente à autoconfrontação, tem sido aperfeiçoada desde meados dos anos 1990 no quadro da Clínica da Atividade. A instrução ao sócia é um método indireto de acesso ao psiquismo humano em que o trabalhador descreve suas atividades a um pesquisador ou analista do trabalho.

No tocante à sua pesquisa, Rodrigues conjecturou que a aplicação da autoconfrontação tende a fazer emergir conteúdos considerados mais subjetivos e a instrução ao sócia promove o levantamento de informações menos subjetivas. Avaliamos que o estudo de Rodrigues foi relevante para apoiar os pesquisadores do ALTER, em investigações posteriores, na escolha dos trabalhos em que seria mais apropriado fazer uso da autoconfrontação como dispositivo de recolha de dados.

A última investigação com uso da autoconfrontação no ALTER, segundo apuramos, foi desenvolvida por Messias (2013), sob a orientação de Machado e co-orientação de Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra. O estudo foi dedicado ao exame do agir do docente de Língua Portuguesa, levando em conta a perspectiva dos professores, mediados pela pesquisadora. Vale ressaltar que, assim como Buzzo (2008), a pesquisadora realizou a sua investigação em contexto de formação continuada, e embora ela tenha feito todas as fases da autoconfrontação (simples, cruzada e



constituição de um coletivo laboral), a restituição final ao grupo de trabalhadores foi delineada, mas o processo completo seria concluído após a defesa da tese. Assim, o texto da pesquisa de Messias (2013) não traz os resultados alcançados na restituição ao coletivo. Neste estudo também não houve demanda dos profissionais, mas sim uma proposta de formação docente e estudo do trabalho pela pesquisadora.

Características dos usos da autoconfrontação pelo ALTER e suas contribuições para o estudo do trabalho docente

Antes das considerações sobre os usos da autoconfrontação pelo ALTER, vale relembrar que o exame das dissertações e teses do grupo, o qual expusemos acima, foi realizado para nortear o debate das seguintes questões: a) quais são as semelhanças e diferenças na aplicação da autoconfrontação em estudos produzidos no ALTER comparativamente às orientações de utilização desse dispositivo feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade? b) Os estudiosos do grupo em tela desencadearam o seu trabalho partindo da demanda de profissionais pela coanálise e transformação das suas atividades ocupacionais ou os pesquisadores é que solicitaram a contribuição de trabalhadores nos processos de recolha de dados para as suas pesquisas? c) Por fim, caso não tenha havido demanda de trabalhadores, esse fato produziu alterações significativas no conjunto das fases de aplicação autoconfrontação, na coanálise do trabalho e na recolha de dados das pesquisas?

No tocante, estritamente, às fases e movimentos de aplicação da autoconfrontação, observou-se que nos estudos do ALTER foi seguido, de modo instrumental, o passo-a-passo sugerido por Clot (2006; 2010), Vieira e Faïta (2003), com ênfase na recolha de dados para pesquisas do grupo. Algumas distinções no emprego da autoconfrontação pelo ALTER, comparativamente às indicações dos estudiosos da Clínica da Atividade, foram: 1. significativa redução no tempo de duração



da aplicação do dispositivo. Enquanto Clot e Fernández (2007) sugerem que cada uma das fases da autoconfrontação tenha duração aproximada de seis meses, com a realização de numerosas sessões de coanálise pelo pesquisador e os trabalhadores, nas pesquisas do ALTER a aplicação do dispositivo foi aligeirada e teve duração de uma ou duas sessões por fase da autoconfrontação; 2. no grupo em tela não foi registrada pesquisa que tenha partido da demanda dos trabalhadores pela coanálise ou mediação da transformação do trabalho; 3. os pesquisadores do ALTER fragmentaram a autoconfrontação, que foi aplicada, de acordo com os objetivos de cada pesquisa, até a fase simples ou cruzada, não tendo sido registrado estudo que avançou até a conclusão da restituição ao coletivo de trabalhadores, contemplando ações com todos os profissionais de uma instituição que exerciam a mesma função.

É possível presumir que as diferenças aludidas na aplicação do dispositivo ocorreram porque na Clínica da Atividade a autoconfrontação é, inicialmente, um dispositivo clínico de coanálise da atividade laboral em que trabalhadores e pesquisador produzem saberes sobre um ofício com vistas à modificação das condições funcionais. E, somente em segundo plano, busca-se a obtenção de dados de pesquisa. A transformação e (re)criação da atividade, que surge do processo de coanálise, é que irá compor o material a ser examinado por um pesquisador. Por sua vez, os membros do ALTER se apropriaram da autoconfrontação promovendo um deslocamento de sua finalidade clínica e coanalítica para torná-la um instrumento destinado à recolha de dados de pesquisa, submetido aos objetivos e prazos dos estudos dos pesquisadores. Por este ângulo, pode-se apontar que o grupo reduziu e secundarizou o caráter clínico da autoconfrontação e realçou a sua capacidade de fazer emergir discursos e textos produzidos pelos profissionais durante e após o trabalho, que foram tomados como unidades de análise das teses e dissertações. No caso das pesquisas concluídas entre 2009 e 2013, os membros do ALTER acrescentaram ao uso do dispositivo a função



organizativa de ações de formação de docentes, a partir das quais afloravam os discursos que constituíram os dados das pesquisas do grupo.

Além dos aspectos acima, há hipóteses que precisam ser consideradas e que podem justificar o uso da autoconfrontação, pelos pesquisadores do ALTER, de forma fragmentada, aligeirada e realizada sem a demanda de trabalhadores pela execução de intervenções em suas atividades. Algumas delas que nos parecem mais pertinentes são:

- Devido a esse dispositivo ter sido aplicado em caráter exploratório pelo ALTER, que assumiu as dificuldades da sua transposição, simultaneamente, dos cenários ocupacional, sociopolítico, cultural e econômico do país em que foi criado, a França, para o cotidiano dos pesquisadores e trabalhadores brasileiros, e da área em que foi configurado e desenvolvido o dispositivo, a Psicologia, para outra, a Linguística Aplicada. O grupo também teve que lidar com o fato de os pesquisadores no Brasil raramente serem demandados para intervir nos processos laborais.

- Ainda, em função de o grupo ALTER, no período aqui examinado, ter realizado trabalhos marcadamente acadêmicos, de modo que seus objetivos de pesquisas foram atendidos com o uso de apenas algumas etapas da autoconfrontação. Nota-se que o fato de não existir demanda de trabalhadores pela coanálise e transformação da atividade laboral torna a fase de restituição ao coletivo de difícil realização.

- A terceira hipótese é a dificuldade em encontrar grupos de trabalho e instituições públicas ou privadas interessadas em participar da autoconfrontação em todas as suas etapas, visto que isto exige grande disponibilidade institucional e por parte dos profissionais participantes.

- A quarta presunção se relaciona ao tempo destinado ao desenvolvimento das dissertações e teses no Brasil, que vão de dois a três anos no mestrado e quatro anos no doutorado. Isso faz com que o pesquisador não possa aguardar o surgimento de um grupo de trabalhadores que demande coanálise do seu cotidiano laboral. É preciso



desenvolver a pesquisa e cumprir os prazos determinados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior (CAPES), que tende a enfatizar, no processo de avaliação dos Programas de Pós-Graduação do país, o atendimento ao período estabelecido para a conclusão das investigações, em detrimento do respeito às particularidades de cada pesquisa e dos possíveis benefícios gerados aos participantes dos estudos. Assim, parece razoável considerar que os pesquisadores do ALTER tenderam a priorizar a realização de seus estudos, em sintonia com as normas da CAPES, em prejuízo da apropriação dos achados pelos trabalhadores.

É adequado reconhecer que o modelo de avaliação dos Programas de Pós-Graduação pela CAPES tem sido alvo de controvérsia. A visão que explicitamos é partilhada por numerosos pesquisadores, conforme demonstrou Horta (2006) em estudo que teve como fonte primária de dados as críticas encaminhadas à CAPES por coordenadores de Programas de Pós-Graduação. Segundo Horta, a crítica mais recorrente feita a esta agência diz respeito ao caráter homogeneizador das suas regras, que desconsideram as diferenças entre as áreas da ciência. Em estudo mais recente, Campos, Borges e Araújo (2014) esclareceram que o sistema de Pós-Graduação brasileiro tem como referência o ordenamento norte-americano, que enfatiza o controle, punição ou premiação dos Programas que cumprem normativas em prejuízo da relevância social e acadêmica das pesquisas. Por outro lado, há pesquisadores que consideram o paradigma da CAPES apropriado para estimular a produção científica e a formação de pessoal por meio da Pós-Graduação brasileira. É o caso de Paiva (2012), que atribui à CAPES e ao seu modelo de gestão o fato de a Pós-Graduação do país, supostamente, ter se consolidado como sistema de elevado nível na capacitação de pesquisadores e produção de saberes. As estratégias quantitativas de avaliação dos Programas de Pós-Graduação, baseados na produção de docentes e pós-graduandos são defendidas por Paiva (2012, p. 15), sob o lema *publique ou pereça*.



Apesar das limitações expostas, cumpre reconhecer que os estudos do ALTER sobre o trabalho docente, com uso da autoconfrontação, trouxeram contribuições ao campo científico brasileiro, em particular, no que diz respeito à integração interdisciplinar em um *corpus* analítico de perspectivas ligadas à Psicologia e à Linguística Aplicada. Em síntese, os estudos com aplicação da autoconfrontação produzidos no grupo até 2013, sob a liderança de Machado, deixaram importante legado tanto para a Linguística quanto para as Ciências do Trabalho, que consistiu na articulação original de diferentes áreas do saber e referenciais teórico-metodológicos para a investigação do trabalho do professor. Isto porque foi no processo de realização das pesquisas com a aplicação da autoconfrontação que o ALTER desenredou a questão do uso de aportes da Clínica da Atividade para compor a sua visão de trabalho, combinando essa abordagem da Psicologia Social do Trabalho com os princípios do Interacionismo Sociodiscursivo, que foram aproximados pelos estudiosos do grupo, com vistas à elaboração de uma proposta inovadora de recolha e análise de textos produzidos em situações de trabalho, com ênfase para a atividade languageira dos professores.

Considerações finais

À guisa de conclusão, é necessário lembrar que este artigo partiu da presunção que o ALTER, único grupo organizado de pesquisadores em torno dos estudos do trabalho docente com uso da autoconfrontação, pôde produzir e compartilhar saberes acadêmicos que, hipoteticamente, permitiram aprofundar as estratégias de aplicação do dispositivo, bem como, aperfeiçoá-lo e contextualizá-lo para a realidade brasileira de pesquisas acadêmicas e intervenção em processos laborais.

A experiência do ALTER, de fato, se revelou como esforço de adaptação da autoconfrontação ao contexto brasileiro, mas exclusivamente no tocante aos estudos



acadêmicos, sintonizando o dispositivo com os prazos e exigências feitas às pesquisas em Programas de Pós-Graduação do país. Em relação aos saberes produzidos sobre o trabalho docente nas investigações do grupo com uso da autoconfrontação, pode-se afirmar que o ALTER contribuiu para a ampliação da compreensão da complexidade do trabalho docente, estimulando o estudo e debate sobre os aspectos constitutivos da atividade profissional dos professores, tais como: o coletivo de docentes; o próprio professor (trabalho dirigido para si mesmo), outrem (alunos, pais, colegas, direção, etc.), artefatos e instrumentos (como estratégias de ensino, uso de artefatos tecnológicos, documentos prescritivos), o contexto sócio-histórico particular, o sistema educacional e o sistema de ensino.

Por fim, as referências sobre a aplicação acadêmica da autoconfrontação e, também, a aproximação e articulação entre a Clínica da Atividade e o ISD, lideradas pelo ALTER, têm influenciado o desenvolvimento de estudos sobre o trabalho docente por outros grupos de pesquisas, reconhecidos pelo CNPq, e dispersos por universidades do país, tais como: grupo Linguagem e Educação, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada (GEPLA), Universidade Federal do Ceará (UFC); grupo Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações: aprendizagem, gêneros textuais e ensino, sediado na Universidade de São Paulo (USP) e Universidade São Francisco (USF); grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações: gênero textual, Universidade Estadual de Londrina (UEL); Núcleo de Estudos Avançados em Linguagem, Interação e Tecnologias, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber, 2005.



BORGHI, Carmen Ilma Belincanta. **A configuração do trabalho real do professor de língua inglesa em seu próprio dizer**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2006.

BUZZO, Marina Gonçalves. **Os professores diante de um novo trabalho com leitura: modos de fazer semelhantes ou diferentes?** 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

CAMPOS, Vanessa; BORGES, Marllon Fernandes; ARAÚJO, Juliana. Programa de acompanhamento e avaliação da capes: qualidade acadêmica ou controle do estado. **Revista Educação e Políticas em Debate**. Uberlândia, v. 3, n.1, jan-jul, 2014, p.193-210.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

_____. O ofício como operador da saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. vol. 16, n. especial 1, jan-jul, 2013, p.1-11.

_____; FERNÁNDEZ, Gabriel. Instrumentos de investigación: entrevistas en auto-confrontación. **Laboreal**, Porto, vol. 3, n. 1, jan-jul, 2007, p. 15-19.

DREY, Rafaela Fetzner. **Eu nunca me vi, assim, de fora: representações sobre o agir docente através da autoconfrontação**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2008.

FAÏTA, Daniel. La conduite du TGV: exercices de styles. **Champs visuels**, Marseille, n.6, v.2, jan-jul, 1997, p. 75-86.

FARIAS, Aline Leontina Gonçalves. **Atividade docente de estagiários de francês: prescrições, gênero e estilo**. 2011. 263 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

FERNANDEZ, Cristina Mott. **Manual do Professor de Coleção de Livros Didáticos de Língua Inglesa: autonomia ou subsunção do trabalho docente?** 2009. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.



FOGAÇA, Francisco Carlos. **Reuniões pedagógicas e autoconfrontações:** possíveis espaços de desenvolvimento profissional na escola pública. 2010. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

HORTA, José Silvério Baia. Avaliação da Pós-graduação: com a palavra os Coordenadores de Programas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, jan-jun, 2006, p. 19-47.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. **Entre o trabalho prescrito e o realizado:** um espaço para a emergência do trabalho real do professor. 2006. 333 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

MACHADO, Anna Rachel. **O ensino como trabalho:** uma abordagem discursiva. Londrina: Edue, 2004.

_____. **O agir nos discursos:** das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

_____. Ensino de gêneros textuais para o desenvolvimento do professor e de seu trabalho. In: SERRANI, Silvana. **Letramento, discurso e trabalho docente**. Vinhedo: Horizonte, 2010. p. 148-156.

_____. As pesquisas do grupo ALTER-LAEL para a análise do trabalho educacional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 16, n. 1, jan-jun, 2014, p. 35-46.

MESSIAS, Carla. **O agir didático do professor de língua portuguesa e sua reconfiguração pelos professores**. 2013. 384 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

ODDONE, Ivar. **Ambiente de trabalho:** a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: Hucitec, 1981.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Políticas de credenciamento e credenciamento de professores em Programas de Pós-Graduação em Linguística e em Linguística Aplicada: publish or perish. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Klebaer Aparecido; TÍLIO, Rogério; HILSDORF, Claudia. (Orgs.) **Política e Políticas**



Linguísticas. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PEREZ, Deivis; MESSIAS, Carka. A autoconfrontação e seus usos no campo da linguística aplicada ao estudo do trabalho do professor. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 2, n.2, p. 92-112, jun. 2013a.

_____. O dispositivo metodológico e interventivo autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p.81-100, dez. 2013b.

RODRIGUES, Daniella Ignácio. **A Autoconfrontação Simples e a Instrução ao Sósia:** entre diferenças e semelhanças. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

ROMANOWSKI, Joana; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, jul-dez, 2006, p. 37-50.

STUTZ, Lidia. **Sequências didáticas, socialização de diários e autoconfrontação:** instrumentos para a formação inicial de professores de inglês. 2012. 458 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VIEIRA, Marcos; FAÏTA, Daniel. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia**, Cuiabá, v7, n.1, 2003, p. 27-65.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Teoria e método em Psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1927/1996.

_____. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1926/2004.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Sobre os autores

Deivis Perez

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP.
Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de
Psicologia Social e Educacional da UNESP - Universidade Estadual Paulista. E-mail:
prof.devisperez2@hotmail.com

Carla Messias

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e pela
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra-Suíça.
Vínculo Institucional: Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso. E-mail:
carlamessias@yahoo.com.br

Recebido em: 12/01/2017

Aceito para publicação em: 08/02/2017